

Acompanhamento Terapêutico: Relato de caso a partir de experiências vividas dentro de um serviço de saúde mental.

Bárbara Veiga dos Santos Medeiros<sup>1</sup>

Douglas Casarotto de Oliveira<sup>2</sup>

Com este trabalho proponho relatar e problematizar uma experiência de formação em psicologia a partir do projeto de extensão: O Acompanhamento Terapêutico (AT) como dispositivo para construção de redes de cuidado em Saúde Mental, o qual propõe a experimentação de práticas de Acompanhamento Terapêutico junto aos usuários do CAPS ad Cia do Recomeço, em Santa Maria, RS.

As práticas de Acompanhamento Terapêutico vêm destacando-se como um importante dispositivo clínico para a reinserção social e produção de autonomia junto a pessoas em sofrimento psíquico. Segundo Palombini (2006), as práticas do AT se dão como forma de exercício entre serviço e rua, entre o quarto e a sala, a céu aberto. É nesse cuidado itinerante que esse dispositivo tem mostrado efeitos positivos com populações que não se submetem aos protocolos clínicos tradicionais (Lancetti, 2007). Além dos efeitos em relação aos usuários dos serviços de saúde, devido sua configuração como uma clínica itinerante, seus efeitos também são notáveis nos processos de formação profissional daqueles que dispõem-se a ser acompanhantes terapêuticos. (Palombini, 2006)

A seguir, apresento dois fragmentos de um AT realizado com S, para ilustrar duas questões relativas aprendizagem a partir dessa prática.

S. é uma usuária do CAPS AD. A demanda de AT era para auxiliá-la em sua ida até o Conselho Tutelar tratar de assuntos referentes à escola para sua filha. Ela chega ao projeto de AT após já ter por várias vezes marcado de ir até o Conselho Tutelar e não ter conseguido ir. Após a discussão do caso na reunião do projeto, definimos que a estratégia inicial seria realizar uma escuta de S. sobre seu desejo de ser acompanhada ou não. Nesse primeiro atendimento, S. demonstrou receio em ir até o CT. , contudo, firmamos um acordo de que ela seria acompanhada até o local para a conversa com a

conselheira tutelar. Após cada tentativa frustrada do AT, em função de S. não comparecer, uma nova escuta e um novo acordo era refeito, até que o AT foi possível. Durante o percurso do CAPS ad até o Conselho Tutelar, S. falou pouco, e somente demonstrou estar mais confortável com minha presença quando chegamos ao local, e no momento onde houve uma intervenção que ela entendeu ser “em seu favor”. A intervenção foi quando chegamos ao C.T onde a recepcionista relatou que a Conselheira não encontrava-se, esclareci que tínhamos um horário pedindo que ela fosse contatada enquanto aguardávamos.

Por fim duas situações de aprendizagem em relação às características desse dispositivo clínico puderam ser experienciadas. A primeira refere-se à necessidade de flexibilização dos acordos, e disponibilidade em acolher o que não é previsto, como o descumprimento destes. No AT com S. foi a partir da escuta e da abertura para novos acordos que possibilitou ampliação do vínculo e, conseqüentemente a realização do AT. A segunda foi em relação às formas de operar relacionada ao AT, que vão desde um “estar junto”, ao intervir em situações onde a ação do AT servirá como facilitador das relações entre o acompanhado e outras redes.

## REFERÊNCIAS

DIMENSTEIN, Magda. O desafio da política de saúde mental: a (re)inserção social dos portadores de transtornos mentais. **Mental**, Barbacena, v. 4, n. 6, jun. 2006 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272006000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000100007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 maio 2013.

LANCETTI, Antônio. A Clínica Peripatética. 2ª ed. São Paulo Hucitec, 2007

LEMKE, Ruben Artur; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. Um estudo sobre a itinerância como estratégia de cuidado no contexto das políticas públicas de saúde no Brasil. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, 2011 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312011000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312011000300012&lng=en&nrm=iso)>. access on 02 May 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312011000300012>.

PALOMBINI, Analice. **Acompanhamento terapêutico**: dispositivo clinico-político. São Paulo: Psychê, 2006, pp. 115-127.